

Anunciando o Evangelho

Estudo Interpretativo do Evangelho à luz da
Doutrina Espírita

José Márcio de Almeida

Anunciando o Evangelho

Estudo interpretativo à luz da Doutrina Espírita

© Copyright 2016 by
José Márcio de Almeida
josemarciodealmeida@yahoo.com.br
+55 (31) 98791-0272

Quarta edição (Revisada e ampliada) | Julho 2020

Projeto, capa, diagramação e revisão
José Márcio de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447

Almeida, José Márcio de, 1969-

Anunciando o evangelho: estudo interpretativo à luz da doutrina espírita / José Márcio de Almeida. 4ª edição – Belo Horizonte: Serviço Editorial de Divulgação da Doutrina Espírita, 2020.
272p.; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-471-0016-2

1. Evangelho. 2. Espiritismo. 3. Interpretação. 4. Filosofia espiritualista. I. Título. II. Almeida, José Márcio de.

CDU 27:7

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização do autor nos termos da Lei nº 9610/1998.

COMECE PELO COMEÇO, ESTUDE KARDEC!

*Dedico estas singelas reflexões ao Irmão LÁZARO JOSÉ ALVES
(1940 – 2004)*

E aconteceu num daqueles dias que, estando Ele ensinando o povo no templo e ***anunciando o Evangelho*** (...).¹

¹ Lucas, 20:1.

Sumário

Prefácio	8
A ação de interpretar	12
Como estudar o evangelho	17
Aplicação do método <i>miudinho</i>	21
A importância do nascimento de Jesus	25
Livro da geração de Jesus	30
Os ciclos da geração de Jesus	33
José, não temas receber Maria	36
O anúncio do nascimento de Jesus	39
O nascimento de Jesus	42
A justeza de José	46
O precursor	58
Raça de víboras	67
O verbo se fez carne	69
A oferta dos magos	73
A família de Jesus	75
Os mansos que herdarão a Terra	81
O endemoninhado gadareno	85
O encontro de Zaqueu com Jesus	91
O sinal do profeta Jonas	97
A negação de Pedro	101
A César o que é de César	109

O dia logo vem	112
A palavra convence, o exemplo arrasta	114
A proximidade do reino dos céus	117
O que convém à sã doutrina	119
O dom	121
Tudo posso, mas nem tudo me convém	123
Brilhe a vossa luz	125
Mãos à obra!	128
O cego de nascença	130
O discurso sobre a contaminação	134
A oração dominical	137
A purificação do templo	145
O consolador prometido	150
Amor, o novo mandamento	154
Os doze e sua missão	159
A superioridade da natureza de Jesus	162
A transfiguração	165
Jesus anda por cima do mar	170
A multiplicação dos pães e dos peixes	174
As ressurreições promovidas por Jesus	181
O desaparecimento do corpo de Jesus	189
A parábola do bom samaritano	196
A parábola do fariseu e do publicano	201
A parábola do servo vigilante	204
A parábola do semeador	207

A parábola do joio e do trigo	212
A fé sem obras para nada aproveita	215
A descida do espírito santo	219
A morte do homem velho	224
Identificação da besta apocalíptica	227
O Novo Testamento	233
O Evangelho segundo Mateus	237
O Evangelho segundo Marcos	239
O Evangelho segundo Lucas	241
O Evangelho segundo João	243
O ministério de Jesus	245
Os sermões de Jesus	249
Sobre as traduções do Evangelho	251
A datação e a autoria dos Evangelhos segundo fontes espiri- tuais	255
O conhecimento científico e as asas da evolução	263
Evangelho e ciência	266
Bibliografia	270

Prefácio

AO TEMPO DO CRISTIANISMO NASCENTE, uma sociedade religiosa exclusivista, que se acreditava eleita, aguardava a chegada de um messias salvador e, em total desagrado, contracenava com a presença incômoda do império romano que abria fronteiras, tornando factual a migração entre os povos, enquanto estendia as garras da águia imperial por todo canto. O clero contemporâneo de Jesus esperava um redentor que o livrasse da presença impositiva dos invasores e restabelecesse a primazia do povo hebreu sobre gentios e incircuncisos migrantes. Não bastassem os costumes repudiados da Samaria, conviver com representantes imperiais fardados, cobradores de impostos inescrupulosos e gente de má vida era um suplício, só menor que o cisma provocado por Nabucodonosor ao tempo do profeta Jeremias.

Corrupção, adultério, privilégios e impostos conviviam em paralelo com o senso exacerbado de justiça, rigor de valores culturais de um tempo a pedir mudanças: dente por dente, olho por olho, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

O Sinédrio, entretanto, evitava o conflito aberto com os invasores e obtinha em contrapartida o direito da nação de professar sua própria crença.

Nesse cenário veio o Cristo de Deus, não reconhecido como tal e, confrontado com as expectativas vivas da comunidade, visto com desdém, questionado, perseguido e sacrificado.

Não sabiam o que faziam, realmente. Não sabiam.

A proposta recebida propunha o fim dos conflitos. Inimigos? Não. Ninguém mais seria considerado inimigo. Definia a felicidade. Felizes seriam as pessoas simples. A terra não seria dos romanos invasores, nem dos descendentes de David.

Seria herdada pelos mansos de qualquer nacionalidade. Vitória? Só a dos pacificadores. Sentar-se ao lado de Jeová? Somente os brandos de coração. Perdão divino? Apenas os misericordiosos encontrariam misericórdia. Justiça? Sim. Os que tivessem fome e sede de justiça seriam fartos. Não só eles, porém, todos seriam contemplados. Amar ao próximo e odiar aos inimigos? Não. Não era bem assim. Amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si próprio, tendo os inimigos dentro o próximo. Repudiar? Nunca. Perdoar infinitas vezes.

E com esse matiz, a presença do Cristo trazia a Boa Nova, o Evangelho, e tocava corações por toda parte. Renovaria a esperança e disseminaria nas cercanias do lago de Genezaré as marcas de um novo tempo. Eram sementes que, em seguida, brotariam sem fronteiras, entre gente de pensar diferenciado. O oficial romano que comandava a centúria buscava a saúde do amigo enfermo. Jairo, o principal da sinagoga, pedia a cura da filha Talita. Gamaliel, um dos anciãos do Sinédrio, mostrava-se reflexivo. Maria de Magdala abandonava a vida efêmera. Nicodemos, mestre em Israel, queria entender o renascer. Levi, membro do grupo de publicanos, deixa de cobrar impostos e torna-se escriba da Boa Nova. Mais adiante, Saulo de Tarso põe de lado a cidadania romana e torna-se o apóstolo dos gentios. Pessoas vinham do oriente e do ocidente, do norte e do sul. E subiam o monte para ouvir a mensagem.

E o Cristo já havia dito, iluminado e profético: O céu e a terra passarão, mas as Minhas palavras não hão de passar. E, próximo do fim da missionária contribuição, dissera: E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador para que fique convosco, para sempre.

* * *

De fato, não passaram suas palavras. O Consolador adveio. Em tempos hodiernos, milhares de obras tratam dos Evangelhos. Um pouco atrás, no descobrimento da Terra do Cruzeiro, o padre Manoel da Nobrega, notável catequista, se

tornaria o apóstolo do Brasil. Como cada coisa tem seu tempo, sem concluir o trabalho, alguns séculos depois retornaria e daria prosseguimento, tornando-se o maior exegeta ao colocar lupa e dissecar grande número de versículos do Novo Testamento, como ficou registrado em Caminho Verdade e Vida, Pão Nosso, Vinha de Luz e Fonte Viva. Dezenas de pesquisadores fizeram varredura exaustiva nos textos evangélicos como, por exemplo, Cairbar Schutel e Honório Abreu e deixaram minudentes reflexões sobre a mensagem crística. Mais recentemente, a Federação Espírita Brasileira edita projeto coordenado por Saulo César Ribeiro da Silva, intitulado: O Evangelho por Emmanuel que, em sete volumes, faz a compilação de textos de 138 obras e 441 artigos publicados em Reformador e Brasil Espírita, armazenando de modo enciclopédico a contribuição de Emmanuel na disseminação da mensagem de Jesus.

Nesta obra, ANUNCIANDO O EVANGELHO, o pesquisador José Márcio de Almeida reúne vasta reflexão sobre a mensagem do Consolador, proporcionando ao leitor importante acervo, de grande valia, ensejando novos ângulos de observação e ampliando o entendimento da Boa Nova, de modo a nos tornar mais íntimos da Revelação. E nos leva, ainda, a pensar e a infundir em nossos corações bom ânimo renovado, esperança, paz e a estilar a fé raciocinada.

Quando fala da importância do nascimento de Jesus, o escritor coloca com extraordinário senso de oportunidade: “Jesus, o Cristo de Deus, nasce para revelar-nos o Amor Universal, a sublimidade da vida espiritual, a importância do trabalho como alavanca para o progresso, as muitas moradas na casa do Pai e os verdadeiros atributos da divindade: Deus é o Pai e o pai não mais é o senhor da guerra, colérico e vingativo; não carrega em sua essência divina as imperfeições humanas.” Nessa referência ele nos arremete ao mundo íntimo quando, à imagem e semelhança de Deus, cabe-nos educar os filhos e reportarmo-nos à família com extremado amor, sem arroubos de autoritarismo, refletindo em nós a condução sua-

ve do líder pacificador, generoso e compreensivo. E como, às vezes, nos embarçamos nesse mister.

Ao estudar a mítica purificação do templo, quando Jesus expulsa os vendilhões, José Márcio nos faz lembrar a sabedoria de Paulo que orientou ‘extrair o espírito da letra’, isto é, compreender com maior profundidade, porque a letra mata enquanto o espírito vivifica.

E ainda examina com acuidade o fim do homem velho, viciado, adoecido, equivocado, ressentido e o surgimento de um novo ser, renovado, que, ao final da jornada, possa dizer a si mesmo, repetindo o apóstolo dos gentios: Combati o bom combate, completei a carreira e guardei a fé.

Por abordagens ricas, desse naipe, o livro, sem abrir mão do perfil erudito do autor, constitui-se num rico acervo de reflexões a enriquecer quantos tiverem a oportunidade de conhecer seu valiosíssimo conteúdo.

ANTÔNIO RUBATINO
Belo Horizonte (MG), maio de 2016.

A ação de interpretar

A INTERPRETAÇÃO É UMA AÇÃO QUE CONSISTE EM ESTABELECEER, simultânea ou consecutivamente, comunicação verbal ou não verbal entre duas entidades: a que se faz interpretar e a que interpreta. Estas entidades, quando nos propomos a interpretar um texto, são, de um lado, o autor desse texto, e, de outro, o leitor. É um termo ambíguo, tanto podendo referir-se ao processo quanto ao seu resultado, ou seja, tanto ao conjunto de processos mentais que ocorrem num leitor quando interpreta um texto, quanto aos comentários que este poderá tecer depois de ter lido o texto. Pode, portanto, a interpretação, consistir na descoberta do sentido e significado de algo, quase sempre, fruto de uma ação humana.

A ação de interpretar é subjetiva.

Haverá sempre várias construções e interpretações para um texto. Elas são diversas porque depende do leitor para atribuir-lhes sentido.

Não existem, deste modo, interpretações corretas ou incorretas e será “sempre possível advogar por ou contra uma interpretação, confrontar interpretações, arbitrar nelas, visar um acordo, ainda que este acordo continue longe de ser atingido”.²

Ademais a interpretação deve ser compreendida como sendo um processo dialético que inclui dois momentos: a explicação e a compreensão. A explicação segue as ciências naturais e a compreensão diz respeito à apreensão do significado das ações humanas, relativos à ciência do espírito.

Interpretar é, de forma subjetiva, destacar a estrutura e as relações internas de dependência que constituem o texto.

Quando interpretamos um texto, analisamos as frases de maneira separadas e em sua totalidade e, a partir dessa análise segmentada da disposição dos seus elementos, cria-

² RICOEUR, Paul. Do texto a ação. Ensaios de hermenêutica II, p. 203.

mos, segundo a nossa visão particular, individual, o “nosso” sentido.

Porém, o texto não é composto simplesmente por frases que podem ser compreensíveis, ou não. Via de regra, o texto possui sua totalidade e seu sentido e assim deve, também, ser compreendido: “Um texto é mais que uma sucessão linear de frases. É um processo cumulativo, holístico”.³

Toda análise profunda, que se constitui objeto da interpretação, exige do leitor uma afinidade com o texto e sobre o que está exposto diante do texto: “Compreender um texto é seguir o seu movimento do sentido para a referência, daquilo que ele diz para aquilo de que fala”.⁴

Outrossim, essa relação aparentemente dicotômica entre validar e conjecturar ou explicar e compreender pode ser vista como complementação uma da outra: “Não há explicação que não se complete pela compreensão”.⁵

Explicação e compreensão podem ser colocadas numa concepção geral da interpretação, quando a “explicação pode ser considerada como uma etapa entre uma interpretação ingênua e uma interpretação crítica, entre uma interpretação de superfície e uma interpretação em profundidade”.⁶ Posta assim a questão, somos levados a considerar que “Toda interpretação, para produzir compreensão, deve já ter compreendido o que vai interpretar”⁷ e que compreensão é a apreensão de um sentido, e sentido é o que se apresenta à compreensão como conteúdo.

Se o que nos interessa de perto, ao interpretarmos o texto evangélico, é a sua compreensão – num sentido amplo –, imperioso fazer uma distinção entre a compreensão gramatical ou comparativa e a compreensão psicológica ou divinatória.

A primeira advém do conhecimento da totalidade da língua do texto e de uma multiplicidade de conhecimentos

³ Idem, *Ibidem*, p. 202.

⁴ *Ibidem*, p. 209.

⁵ *Ibidem*, p. 168.

⁶ *Ibidem*, p. 158.

⁷ HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*, p. 152.

objetivos, gramaticais e históricos, deduzindo o sentido a partir do enunciado; a segunda, a partir do conhecimento da totalidade da intenção e dos objetivos do autor, significa uma adivinhação imediata ou apreensão imediata do sentido de um texto. Essas distinções apontam para aspectos da compreensão superior que se dá pela sua integração.

Feitas essas considerações preliminares importa fixar o objeto da interpretação que nos propomos fazer: o Evangelho; antes, contudo, fixemos que o texto é o conjunto de ideias organizadas e relacionadas entre si, formando um todo significativo capaz de produzir interação comunicativa – capacidade de codificar e decodificar –; que contexto é a interligação das diversas frases que compõe o texto e que trazem informações que as ligam com a anterior e ou com a posterior, criando condições para a estruturação do conteúdo a ser transmitido – nesse sentido o relacionamento entre as frases é tão grande, que, se uma frase for retirada de seu contexto original e analisada separadamente, poderá ter um significado diferente daquele inicial –; e que comumente os textos apresentam referências diretas ou indiretas a outros autores através de citações, o que se denomina intertexto. Estes são aspectos determinantes que não se pode perder de vista ante o objetivo de interpretação de um texto, em especial, do texto evangélico.

Os Evangelhos são um gênero único na literatura universal e segundo nos ensina Allan Kardec: “Para os homens, em particular, constitui aquele código [o Evangelho] uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça”.⁸ Esta fundamentação, por si só, justifica a ação de buscar interpretar o texto evangélico.

Fixando o Evangelho, amparamo-nos no Mestre Lionês que em suas notas introdutórias do magistral *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, consignou que:

⁸ KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 17.

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral.

As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva.⁹

Justificando a publicação da aludida obra, considerou Kardec que:

Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as consequências. A razão está, por muito, na dificuldade que apresenta o entendimento do Evangelho que, para o maior número dos seus leitores, é ininteligível. A forma alegórica e o intencional misticismo da linguagem fazem que a maioria o leia por desengano de consciência e por dever, como leem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Passam-lhes despercebidos os preceitos morais, disseminados aqui e ali, intercalados na massa das narrativas. Impossível, então, apanhar-se-lhes o conjunto e tomá-los para objeto de leitura e meditações especiais.

(...) O essencial era pô-lo [o ensinamento moral de Jesus] ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições da vida. Foi o que tentamos fazer, com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.

Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral por si sós são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão.¹⁰

Alinhamo-nos a tal entendimento e por essa razão trazemos a público o resultado de nossa interpretação.

⁹ Idem, Ibidem, p. 17.

¹⁰ Ibidem, p. 18.

Por dever de ofício e em serviço da causa do Cristo, lembramos que outras obras de interpretação do Evangelho e de destacado e muito maior valor foram publicadas. Citaremos apenas uma: *Luz Imperecível*, organizada pelo saudoso ex-presidente da UEM (União Espírita Mineira) e divulgador incansável do Evangelho, Sr. Honório Onofre de Abreu e publicada pela editora da Federativa de Minas Gerais.

Esta obra, a exemplo das obras da Codificação e das obras de Emmanuel, é de leitura obrigatória para todos que desejam estudar o Evangelho sob o prisma novo formado pelos ensinamentos da Doutrina Espírita.

Valemo-nos, em nossa singela e modestíssima interpretação da metodologia que aqui, entre as montanhas de Minas Gerais, denominamos carinhosamente de *miudinho* ou, mais formalmente dizendo, de um estudo minucioso do Evangelho de Jesus, versículo a versículo.

Não há, ao longo da obra, uma sequência rígida na exposição das reflexões. Adiantamos que a apresentação dos temas está estruturada da seguinte forma: primeiro, os textos que trazem generalidades acerca do Evangelho; em seguida, as interpretações evangélicas propriamente ditas (dos Evangelhos e de alguns dos livros do Novo Testamento); e, por último, algumas informações sobre os sermões e as parábolas de Jesus, sobre o Novo Testamento e a bibliografia consultada.

Nosso sincero objetivo é o de estimular o leitor amigo e a leitora amiga a se debruçarem sobre a Boa Nova e buscarem se aproximar de Jesus, compreendendo-o um pouco melhor.

O AUTOR

Como estudar o Evangelho

RETIRAR DA LETRA O ESPÍRITO QUE VIVIFICA, sob as luzes da Doutrina Espírita, para melhor entendimento e vivência da Boa Nova: este o objetivo de se estudar o Evangelho.¹¹

Segundo Honório Onofre de Abreu:

As reuniões de estudo podem ser adotadas como medida capaz de favorecer, pela troca de ideias, a identificação mais lúcida da essência dos ensinamentos canalizados por Jesus, que foram registrados na forma de alocações diretas, parábolas, acontecimentos, fatos extraordinários, curas, profecias, para que o substrato espiritual pudesse ser conservado em sua pureza.

Nessas reuniões, num ambiente descontraído, ao embalo do entusiasmo e vontade de aprender, o trabalho é levado a efeito com ampla troca de ideias, argumentos, cotejo de referências bíblicas, comparações, pesquisas em livros ou peças avulsas que tratam do assunto, toda a atenção é direcionada para o versículo evangélico escolhido, que verte da letra seu conteúdo sublimado.¹²

Para isso é preciso:

a) Empenhar-se no estudo intensivo da Doutrina Espírita, em especial de seus princípios fundamentais: Deus; Jesus; Espírito; Perispírito; Evolução; Livre arbítrio; Pluralidade dos mundos habitados; Imortalidade da alma; Vida futura; Plano espiritual; Mediunidade; Influência dos espíritos em nossa vida; e Ação dos espíritos na natureza;

b) O conteúdo espiritual do Evangelho pode ser identificado a partir de: um texto completo; um versículo; uma frase; uma expressão ou mesmo uma só palavra, observado seu sentido no trecho sob análise;

c) O primeiro passo será sempre entender bem o aspecto literal do texto, através de uma leitura atenciosa, considerando o significado exato: de cada palavra; tempo e pessoas dos verbos; lugar; ocasião; circunstâncias; profissões e cargos; expres-

¹¹ XAVIER, Francisco Cândido, pelo Espírito Emmanuel. Caminho, Verdade e Vida.

¹² ABREU, Honório Onofre de. Luz Imperecível. Apresentação.

sões e hábitos vigentes à época de Jesus; e,

d) Buscar cuidadosamente o seu conteúdo espiritual. Este é o que dá vida, universalidade e eternidade à Boa Nova.

Para esse estudo, algumas perguntas, ajudam nessa busca de entendimento, que vai se abrindo, segundo o grau de interesse, de sensibilidade e de determinação do aprendiz.¹³

Esquema para o estudo e interpretação do Evangelho

Ainda segundo Honório Onofre de Abreu, verificar no texto em estudo:

a) O seu sentido geral; e,

b) O sentido particular de cada versículo, expressões, palavras... evidenciando: Deus, Jesus e as demais criaturas, tendo em conta a situação humana, condição espiritual e aspectos evolutivos.

Situar dentro de cada lição expressões ou palavras isoladas indicadoras de: lugar (e aspectos geográficos), ambiente (físico ou psíquico); época (e aspectos históricos), tempo (dia, hora e circunstâncias), atitudes e gestos, ação e demais termos, observando o seu sentido no texto.¹⁴

Fator multiplicador

O Estudo Minucioso do Evangelho de Jesus – EMEJ é um trabalho metódico e contínuo, devendo constituir uma atividade permanente no Centro Espírita. Cada estudo do Evangelho, quer seja uma passagem inteira, quer seja um único versículo, é nova fonte de aprendizado.

Entendemos que a Doutrina Espírita sem o Evangelho, seria apenas mais uma notável filosofia espiritualista. O Evangelho sem a Doutrina sobrevive há 2000 anos no planeta, mas para a maioria, tem sido letra morta. A Doutrina é, pois, a chave para o entendimento da essência evangélica. Necessitamos de Jesus para o aprimoramento íntimo e, da Doutrina para melhor entendê-Lo.

Assim compreendemos que são igualmente importantes as reuniões de estudo evangélico – EMEJ e as doutrinárias, hoje apoiadas pelo Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – ES-DE.

¹³ Idem, Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

As reuniões de estudo do Novo Testamento nos ensinam a amar, sensibilizando as fibras íntimas do coração; as doutrinárias nos ensinam a respeito da fé, que encara a razão frente a frente.¹⁵

A lição de Emmanuel

(...) O estudo das letras santas é comparável a uma pesca de luzes celestiais. O rio da vida (...) está sempre correndo e é indispensável energia serena e vontade ardente, a fim de mergulharmos na coleta dos valores divinos. Enquanto o homem se mantiver tíbio, desencantado, indiferente ou pessimista, dificilmente poderá encontrar no Evangelho algo mais que os sublimes apelos do Senhor. Em tais condições negativas, recebemos os convites do Cristo, mas frequentemente ficamos ignorando a tarefa; somos chamados ao banquete da verdade e da luz, mas comparecemos como comensais bisonhos, mal sabendo como iniciar o succulento repasto. O ensinamento de Jesus é vibração e vida, e como o estudo mais simples demanda o esforço de comparação, não podemos versar o Evangelho sem esse esforço. Muitos procuram, nestas páginas, somente motivos de consolação, esquecendo a essência do ensino. Mas seria um contrassenso vir o Mestre a nós, dos espaços gloriosos da imortalidade, apenas para nos adoçar o coração onusto de perversidades e fraquezas humanas. Jesus é a fonte do conforto e da doçura supremos. Isso é inegável. No entanto, reconhecemos que uma criança, que somente receba consolações e mimos paternos, arrisca-se a envenenar o coração para sempre, na sede insaciável dos caprichos. Não, não devemos acreditar que o Cristo só haja trazido ao mundo a palavra revigoradora, senão também um roteiro de trabalho, que é preciso conhecer e seguir, em que pesem as maiores dificuldades. Para isso, é indispensável tomar os nossos sentimentos e raciocínios como campo de observação e experiência, trabalhando diariamente com Jesus na construção da arca íntima da nossa fé. Naturalmente que essa edificação não prescinde do material adequado, constituído pelas virtudes e conhecimentos nobres que adquirimos no curso da vida. São esses os elementos que procuramos, em nossa pesca de luzes celestiais, para que, recebendo as consolações de Jesus, sejamos igualmente operosos trabalhadores.

(...) Nunca nos reunimos no culto doméstico sem suplicar o socorro da inspiração divina. (...) Deus não poderia ter enviado

¹⁵ Apostila de Estudo do Evangelho, cap. 3, do Setor de Estudo do Evangelho – SEE, da União Espírita Mineira – UEM.

as línguas de fogo [sic] da sua sabedoria apenas aos 12 discípulos de Jesus. As chamas do seu amor infinito aquecem a Humanidade inteira. Basta lembrar que se os sinais do Céu foram vistos somente sobre os Apóstolos, no dia inolvidável do Pentecostes, ninguém poderá contestar a extensão dos benefícios a multidão que os ouvia, exultante de júbilo. A revelação dirigia-se a todos, o contentamento celestial foi distribuído sem exclusividade. (...) Devemos fazer o estudo evangélico não apenas com as nossas malícias e necessidades humanas, mas com o auxílio silencioso do Céu!...

(...) Líamos um versículo de cada vez e esse mesmo, não raro, fornecia cabedal de exame e iluminação para outras noites de estudo. Chegamos à conclusão que o Evangelho em sua expressão total, é um vasto caminho ascensional, cujo fim não poderemos atingir, legitimamente, sem conhecimento e aplicação de todos os detalhes. Muitos estudiosos presumem haver alcançado o termo da lição do Mestre, com uma simples leitura vagamente raciocinada. Isso, contudo, é erro grave. A mensagem do Cristo precisa ser conhecida, meditada, sentida e vivida. Nesta ordem de aquisições, não basta estar informado. Um preceptor do mundo nos ensinará a ler; o Mestre, porém, nos ensina a proceder, tornando-se-nos, portanto, indispensável a cada passo da existência. Eis que excetuados os versículos de saudação apostólica, qualquer dos demais conterà ensinamentos grandiosos a imorredouros, que impende conhecer e empregar em a benefício próprio.¹⁶

¹⁶ XAVIER, Francisco Cândido, pelo Espírito Emmanuel. Renúncia, segunda parte, cap. 3.

Aplicação do método *miudinho*

DIZ O PROVÉRBIO POPULAR: “A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS!” Se for assim, citemos outro: “À beira da estrada, a árvore de frutas mais apetitosas é a mais apedrejada!”.

Perguntamo-nos então: por qual razão o estudo do Evangelho encontra enorme resistência entre os cientistas e sábios?

Seria porque não se pode aplicar, ao estudo do Evangelho, o método científico? Ou, reformulando a pergunta: acreditam não poder aplicar ao estudo do Evangelho o rigoroso método científico?

Se para a Ciência perseverar é preciso e é a chave para o sucesso, convém não nos esquecermos do sábio conselho legado por Schopenhauer:

Sempre que uma boa ideia não estiver sendo aceita, lembre-se de checar as causas anteriores e guarde esta preciosa citação: “Toda verdade passa por três etapas: primeiro é ridicularizada, depois é violentamente antagonizada e, por último, é aceita universalmente como autoevidente”.¹⁷

Na Ciência, como em tudo, o método é determinante.

Num deles, a metodologia reducionista, proposta por René Descartes e posteriormente desenvolvida por Isaac Newton, propõe-se chegar à verdade através da dúvida sistemática e da divisão do “problema” em várias pequenas partes, de modo que, compreendendo o simples se possa alcançar o entendimento do todo.

E, se os homens de Ciência se propusessem estudar o Evangelho à luz dos princípios e pressupostos básicos da Doutrina Espírita? Afinal, asseverou-nos o Codificador que:

(...) Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo

¹⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e como representação.

jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificará nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.¹⁸

Isto lhe parece desafiador?

Esclarecemos que no Espiritismo, em seu viés científico (fenomenológico), há uma metodologia de análise, há fatos concretos, há refutações, há hipóteses e explicações detalhadas das causas e de seus efeitos.

Outrossim, corroborando esse entendimento, diremos ainda que, se nem mesmo os fatos e teorias associados à mecânica quântica, que trouxeram inúmeros debates sobre a validade ou não, acerca do método científico, foram capazes de derrubar a validade dos princípios causal e da localidade, como princípios básicos para descrição da natureza, como negar a possibilidade de aplicá-los ao exame dos fenômenos espíritos e ao estudo minucioso do Evangelho?

Se a resposta for um rotundo “Sim!”, como, então, estudar o Evangelho à luz do método científico e dos ensinamentos legados pelos Espíritos Superiores? Como retirar da letra o Espírito que vivifica!¹⁹

Retirar da letra o Espírito que vivifica eis o objetivo a ser alcançado!

Segundo Honório Onofre de Abreu, para o estudo minucioso (científico) do Evangelho, cujo conteúdo pode ser identificado a partir de um texto completo, um versículo, uma frase, uma expressão ou mesmo uma só palavra, observado seu sentido no trecho sob análise, é preciso

Empenhar-se no estudo intensivo da Doutrina Espírita, em especial de seus princípios fundamentais: Deus; Jesus; Espírito; Perispírito; Evolução; Livre arbítrio; Pluralidade dos mundos habitados; Imortalidade da alma; Vida futura; Plano espiritual; Mediunidade; Influência dos Espíritos em nossa vida; e, Ação dos Espíritos na Natureza.²⁰

¹⁸ KARDEC, Allan. A Gênese.

¹⁹ 2Coríntios, 3:6.

²⁰ ABREU, Honório Onofre. Luz Imperecível.

O primeiro passo será sempre entender bem o aspecto literal do texto, através de uma leitura atenciosa, considerando o significado exato: de cada palavra; tempo e pessoas dos verbos; lugar; ocasião; circunstâncias; profissões e cargos; expressões e hábitos vigentes à época de Jesus”. E, assim, “Buscar cuidadosamente o seu conteúdo espiritual”. [Pois] Este é o que dá vida, universalidade e eternidade à Boa Nova.²¹

Por entre as montanhas de Minas Gerais, o método científico do “Seu Honório” ficou conhecido como “miudinho”, pois que dedica uma grande atenção aos pormenores.

O método “miudinho” de estudo do Evangelho buscar, segundo uma análise trina, da conjunção de referências bíblicas (Antigo Testamento), evangélicas (Novo Testamento) e doutrinárias (obras fundamentais e subsidiárias da Doutrina Espírita), explicações detalhadas das causas e de seus efeitos morais e materiais (temporais).

Vejamos um exemplo:

Referência bíblica (Antigo Testamento):

Clama a mim, e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes que não sabes.²²

Referência evangélica (Novo Testamento):

Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.²³

Referência doutrinária (obras fundamentais):

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como ele próprio o confessou, seu ensino era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que o completaria; previra, pois, que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desvia-

²¹ <http://www.febnet.org.br/blog/sem-categoria/como-estudar-o-evangelho/>.

²² Jeremias, 33:3.

²³ João, 14:26.

riam do seu ensino; em suma, que desfariam o que ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, só se restabelece aquilo que foi desfeito.²⁴

Referência doutrinária (obras subsidiárias):

Enquanto o espírito do homem se engolfa apenas em cálculos e raciocínios, o Evangelho de Jesus não lhe parece mais que repositório de ensinamentos comuns; mas, quando se lhe despertam os sentimentos superiores, verifica que as lições do Mestre têm vida própria e revelam expressões desconhecidas da sua inteligência, à medida que se esforça na edificação de si mesmo, como instrumento do Pai. Quando crescemos para o Senhor, seus ensinamentos crescem igualmente aos nossos olhos.²⁵

São textos correlatos?

Uma análise possível: o profeta Jeremias alerta sobre “coisas grandes e firmes” que não sabemos; o Cristo nos fala do tempo em que o Consolador nos “ensinará todas as coisas”; Kardec esclarece que “todas as coisas hão de ser restabelecidas”; e Narcisa, em sua fraterna orientação a André Luiz, lhe diz que as lições do Mestre podem revelar ao espírito do homem “expressões desconhecidas da sua inteligência”.

É assim que a Ciência irá contribuir para a ampliação do entendimento da Boa Nova e a esta, bem entendida, bem compreendida e bem vivida, irá impulsionar a Ciência e elevá-la a patamares, ainda hoje, inimagináveis.

*Cogito ergo sum.*²⁶

²⁴ KARDEC, Allan. A Gênese.

²⁵ XAVIER, Francisco Cândido. Os Mensageiros.

²⁶ Penso, logo existo.

A importância do nascimento de Jesus

Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se. Este, o primeiro recenseamento, foi feito quando Quirino era governador da Síria. Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e família de Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias, e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. Havia, naquela mesma região, pastores que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite. E um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam, e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e ficaram tomados de grande temor. O anjo, porém, lhes disse: Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura. E, subitamente, apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem. E, ausentando-se deles os anjos para o céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos até Belém e vejamos os acontecimentos que o Senhor nos deu a conhecer. Foram apressadamente e acharam Maria e José e a criança deitada na manjedoura. E, vendo-o, divulgaram o que lhes tinha sido dito a respeito deste menino. Todos os que ouviram se admiraram das coisas referidas pelos pastores. Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração. Voltaram, então, os pastores glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado. Completados oito dias para ser circuncidado o menino, deram-lhe o nome de JESUS, como lhe chamara o anjo, antes de ser concebido.²⁷

A PROXIMIDADE DA DATA QUE A TRADIÇÃO RESERVOU PARA CELEBRARMOS O NATALÍCIO DE JESUS NOS CONVIDA A UMA REFLEXÃO DAS MAIS

²⁷ Lucas, 2:1-21.

GRAVES: qual a importância do nascimento dEle, Jesus, para a humanidade? Referimo-nos ao Jesus-homem ou histórico ou ao Jesus, O Cristo de Deus? Importa essa distinção?

Para avaliar e compreender a importância do nascimento de Jesus para a humanidade, diremos de início, alinhando-nos ao pensamento do Instrutor Emmanuel, que “Não se reveste o ensinamento de Jesus de quaisquer fórmulas complicadas” e que “Dirige-se a palavra dEle à vida comum, aos campos mais simples do sentimento, à luta vulgar e às experiências de cada dia”.²⁸

Se nos referimos ao nascimento do Jesus-homem, o personagem histórico – e a história humana é contada antes e depois dEle –, constataremos, objetivamente, a repercussão e os reflexos que a sua Doutrina estabeleceu sobre o mundo ocidental, ainda que fundamental e substancialmente incompreendida e distorcida.

Acerca desta perspectiva sócio-material-temporal verificaremos que o advento do Jesus-homem e de sua Doutrina inaugurou uma nova fase nas relações humanas, pois que a sua mensagem sublimar não exige, para ser interiorizada e vivida, que sejamos santos ou heróis, nem que pratiquemos milagres ou que façamos o impossível ou o que esteja acima de nossas forças. Ao contrário! Jesus “convive com a massa popular, convidando as criaturas a levantarem o santuário do Senhor nos próprios corações”.²⁹ Antes dEle “todos os mentores da Humanidade viviam entre mistérios religiosos e dominações políticas”.³⁰

O amar ao próximo como a ti mesmo instalou, no seio das coletividades, os princípios fundamentais da fraternidade, da caridade e da misericórdia, princípios estes até então desconhecidos e que, de tão sólidos, são a fonte original de modernos e contemporâneos princípios e institutos jurídicos, dentre eles o Princípio da Dignidade da Pessoa Humana, a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 e a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.

²⁸ XAVIER, Francisco Cândido, pelo Espírito Emmanuel. Roteiro, cap. 13.

²⁹ Idem, *ibidem*.

³⁰ *Ibidem*.

Com Jesus a vida em sociedade adquire novas feições:

Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra.³¹

Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.³²

Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.³³

Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.³⁴

(...) Dai, pois, a César o que é de César (...).³⁵

Entretanto, se nos referimos ao Cristo – do grego *Kris-tós*, que significa *Ungido* e, que por sua vez, é a tradução literal do hebraico *Masiah*, transliterado para a língua portuguesa como *Messias* –, a importância do nascimento de Jesus adquire contornos infinitamente mais amplos e profundos:

(...) Vós sois a luz do mundo (...).³⁶

(...) Vós sois deuses (...).³⁷

Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará (...).³⁸

Jesus, O Cristo de Deus, nasce para revelar-nos o Amor Universal, a sublimidade da vida espiritual, a importância do trabalho como alavanca para o progresso, as muitas moradas da casa do Pai e os verdadeiros atributos da divindade: Deus é o Pai e o Pai não é mais o Senhor da guerra, colérico e vingativo; não carrega, em sua essência divina, as imperfeições humanas; o Pai é o todo-sábio, soberanamente justo e bom e infinito em todas as suas perfeições. O Cristo vai impressionar as tessituras mais sutis do Ser imortal e o conduzir a um re-

³¹ Mateus, 5:39.

³² Mateus, 5:42.

³³ Mateus, 5:44.

³⁴ Mateus, 7:12.

³⁵ Mateus, 22:21.

³⁶ Mateus, 5:14.

³⁷ João, 10:34.

³⁸ João, 14:12.